

CONTEXTOS DE USO DE MARCADORES DISCURSIVOS EM PEÇAS TEATRAIS DOS SÉCULOS XIX E XX

Cláudia A. ROST SNICHELOTTO*

ABSTRACT: *Based on an integrated approach between the theory of language variation and change and linguistic functionalism, especially in regards to grammaticalization, we aim to describe the contexts of use of verb-derived discourse markers (DMs) in a diachronic sample composed of 17 plays written in the 19th and 20th centuries by writers from Santa Catarina, Brazil. In our starting point in the semantic-pragmatic change path of the DMs, we consider that *olha* and *vê* and their variants conserve part of the original meaning of the visual perception verb, since there is an explicit command in which the speaker (S) directs the look/vision of the hearer (H), but that, depending on the context, loses the strength of the manipulative speech act. The diachronic occurrences that were analyzed reinforce the existence of subjectification processes (content meanings > procedural meanings) and signal traces of grammaticalization of *olha* and *vê*. The continuum-like distribution of the various uses of the items also allows us to check the performance of the interpersonal/interactive and textual functions in the various contexts of use of the DMs. We have stated, therefore, that during the semantic-pragmatic change of the items, there is a preservation of the inheritance of verb traces (which shows their inherently intersubjective component) as well as the strengthening of a meaning linked to the attitude of S concerning what is said (which shows their subjective component) and timid performance in the textual sphere.*

KEYWORDS: *Sociofunctionalism; grammaticalization; discourse markers; diachronic sample.*

1. Introdução¹

A investigação acerca dos Marcadores Discursivos (MDs) tem se intensificado nos últimos anos, sob diferentes linhas teóricas e procedimentos metodológicos, porém não é consensual sua denominação, tampouco a definição categorial² e o rol dos itens incluídos sob esse rótulo. Martelotta (2004) destaca que, de acordo com a orientação teórica do pesquisador, opta-se por nomeá-lo *marcador discursivo*, *operador argumentativo*, *operador discursivo*, entre outras denominações³. Costuma-se estudá-los enviesadamente, conforme Urbano (1999, p. 86)⁴, ou ainda sob esse rótulo tem-se abarcado “todos os recursos discursivos com os quais não se sabe o que fazer. A sua lista não se fecha nunca e não se lhes dá uma definição integrante” (cf. POTTIER, 1962, p. 53 *apud* RISSO; SILVA; URBANO, 1999, p. 22).

Embora o estudo dos MDs se constitua terreno escorregadio, o levantamento da literatura permite vislumbrar algumas similaridades em termos conceituais: MDs são “expressões que relacionam segmentos discursivos” (SCHIFFRIN, 1987; FRASER, 1999, p.193) e articulam diferentes valores semântico-pragmáticos: “tanto de caráter textual, como interpessoal, mantendo a interação falante/ouvinte e auxiliando no planejamento da fala” (GÖRSKI; ROST; DAL MAGO, 2004).

* Graduação em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1993). Mestrado (2002) e Doutorado (2009) em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul.

¹ Este texto é um recorte da tese de Rost Snichelotto (2009) que analisou, dentre outros aspectos, o funcionamento de MDs de base verbal em amostras do português brasileiro falado e escrito.

² Por exemplo, Cunha e Cintra (2001) denominam elementos dessa natureza como “palavras denotativas”.

³ A exemplo de Riso, Silva e Urbano (1996, p. 22), adotamos a designação *marcadores discursivos* – do inglês, *discourse markers*, cunhada primeiramente por Fanshel e Labov (1977) e adotada principalmente por Schiffrin (1987) – “[...] que nos parece mais adequada e abrangente do que a de *Marcadores Conversacionais*. Embora esta outra seja a mais corrente e aceita entre os linguistas brasileiros, reconhecemos nela uma limitação, por sugerir, inevitavelmente, um comprometimento exclusivo com um tipo de texto oral, que é a conversação.”

⁴ Urbano (1999, 2006), Riso, Silva e Urbano (1996, 1999), entre outros, adotam como *corpus* as entrevistas do Projeto NURC/Brasil. Para informações acerca do Projeto, consulte Castilho (2006) ou acesse <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/nurc/index.html>>.

Além do estabelecimento de uma definição mais clara, diversas pesquisas (por exemplo, SCHIFFRIN, 1987, p. 328) procuram sistematizar as condições e os contextos linguísticos que conduzem uma expressão a ser empregada como MD. Para dar conta disso, necessita-se proceder à abordagem das funções desses itens não só sob a perspectiva sincrônica, mas também diacrônica, o que poderia auxiliar na análise da mudança semântica e pragmática desses elementos. No entanto, devido à dificuldade de registro e coleta de dados orais dos séculos anteriores, negligencia-se a abordagem diacrônica, segundo Waltereit (2002), e grande parte das pesquisas tende a adotar uma abordagem sincrônica, uma vez que é na fala que emergem essas formas.

Em diversas línguas⁵, verbos de percepção visual tendem a derivar MDs. Vejamos alguns exemplos em PB, derivados da segunda pessoa do singular (doravante P2) em enunciados de comando na forma imperativa, extraídos de *corpus* não só da modalidade falada como da escrita:

(1) **E:** E você não tinha assim algum sonho. Todo mundo tem quando é pequeno, pensar em ser alguma coisa. O que que você pensava em ser, os seus sonhos assim?

F: **Olha**, eu achava muito bonito quando eu era pequena balé, né? [é] piano, sempre achei muito bonito quando tocavam piano e sempre gostei [é] assim [é] mais pro lado da medicina também, sabe? Eu sempre gostei de ver sangue [...] (VARSUL, Curitiba, entrevista n^o. 19)⁶.

(2) Vocês ainda se lembram daquela história, edificante!, do garoto holandês que botou o dedo na rachadura do dique pra salvar sua cidade, e toda a Holanda, por que não?, de ser inundada pelas águas? Pois é. O Brasil está precisando de pelo menos um milhão desses garotos pra tapar com o dedo todas as rachaduras que estão aparecendo em nossos cofres morais. E, **olha** aqui, não seria também uma forma de resolver o problema dos menores abandonados? Nosso maior pobrema? (Veja, edição 2050, 5/03/2008, Millôr).

(3) **E:** E é um problema sério esse do esgoto. Ainda por cima com essas doenças [agora].

F: [Pois é]. E precisava ter, né? porque **veja**, é dificultoso, uma pessoa quer puxar o esgoto pra rua, não pode. Tem que já fazer fossa e poço morto, que chamam, né? porque não tem encanamento de esgoto. E era tão importante ter, né? (VARSUL, Curitiba, entrevista n^o 10).

(4) Corte para o Brasil. Antônio Beldi, controlador do grupo Splice, de Sorocaba, foi a maior surpresa da privatização da telefonia brasileira. Partindo de um grupo relativamente pequeno, ele arrematou a TCO, uma das maiores companhias de telefonia celular do Brasil, com 2,7 milhões de clientes nas regiões Centro-Oeste e Norte e um faturamento da ordem de R\$ 1,5 bilhão. Mas, nesta semana, Beldi protagonizou um negócio que fez com que o mercado o comparasse a Bernie Ebbers. A TCO decidiu comprar a dívida da Splice, sua controladora. Trata-se de um papagaio de R\$ 660 milhões. **Veja bem:** a Splice controla a TCO com 18% do capital total, mas todos os acionistas da operadora pagarão pela compra de uma dívida que é só do sócio controlador. Resultado: as ações caíram 16,1% na quarta-feira 14 e outros 14,8%, um dia depois. Desde junho, o valor de mercado da TCO evaporou em R\$ 700 milhões. (*Istoé Dinheiro*, 22/08/2002).

⁵ Os estudos dos quais temos conhecimento são: no português brasileiro 'olha e vê' (cf. CASTILHO, 1989; MARCUSCHI, 1989; SILVA; MACEDO, 1996; RISSO; SILVA; URBANO, 1996; MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996; URBANO, 1999; RISSO, 1999; TRAVAGLIA, 1999; ROST, 2002), no espanhol 'mira' e '¿ves?' (cf. PONS BORDERÍA, 1998, 2001; CUENCA; MARIN, 2000; GALUÉ, 2002; DOMÍNGUEZ; ALVAREZ, 2005), no francês 'regarde' (cf. DOSTIE, 1998), no italiano 'guarda' (cf. WALTEREIT, 2002), no catalão 'a veure' e 'miri' (cf. MARIN JORDÁ, 2003) e no galego 'olla' e 'mira' (cf. DOMÍNGUEZ PORTELA, 2008).

⁶ Para mais detalhamento acerca do VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil), consulte <www.cce.ufsc.br/~varsul/>.

Levando em conta as observações feitas, este artigo objetiva descrever os contextos de uso⁷ dos MDs **olha** e **vê** (e suas variações) em uma amostra diacrônica composta por peças teatrais de autores catarinenses dos séculos XIX e XX⁸.

As ocorrências diacrônicas analisadas reforçam a hipótese da existência de processos de subjetivação (significados de conteúdo > significados procedurais) na trajetória de mudança semântico-pragmática dos MDs e apontam indícios de gramaticalização. A distribuição em *continuum* entre os diferentes usos dos itens permite verificar também a atuação das funções interpessoal/interacional e textual nos variados contextos de uso dos MDs. Essa hipótese baseia-se principalmente em Traugott (2002) cujas pesquisas revelam que as mudanças decorrem principalmente da ampliação polissêmica dos itens nas práticas comunicativas devido à constante negociação de significados entre falante (F) e ouvinte (O). Em outras palavras, é uma polissemia pragmática, decorrente de inferências sugeridas, que emerge nas práticas comunicativas.

Em função do nosso objetivo mais amplo, este artigo está assim organizado: primeiramente, sintetizamos o enquadre teórico-metodológico no qual as considerações tecidas neste artigo se inserem; na sequência, caracterizamos o *corpus* diacrônico do qual extraímos os dados para análise e, por fim, passamos à apresentação dos contextos de uso dos MDs nas peças teatrais dos séculos XIX e XX.

2. Fundamentação Teórica

2.1 Gramaticalização

Adotamos a noção de gramaticalização desenvolvida por Traugott como “o processo pelo qual material lexical **impulsionado por certo contexto pragmático** e morfossintático, torna-se gramatical [...]” (1995, p. 1), e ainda como “a mudança pela qual itens lexicais e construções chegam a certos contextos linguísticos para servir a funções gramaticais ou itens gramaticais desenvolvem **novas funções gramaticais**” (2001, p. 1). A razão dessa escolha relaciona-se aos trechos destacados por nós nas definições: a autora dá relevo ao contexto pragmático e considera que itens gramaticais podem desenvolver novas funções gramaticais (não necessariamente mais gramaticais).

Consideramos, como Traugott e Heine (1991), a perspectiva de análise que combina, pelo menos em termos gerais, as propostas de Meillet e de Givón numa trajetória de *item lexical usado no discurso > morfossintaxe*. Nesse sentido, compartilhamos a reflexão de Traugott (2002) de que a mudança é motivada por práticas discursivas e sociais: a interação F-O no discurso é a motivadora da mudança (e não deve ser vista como um estágio no desenvolvimento histórico). A proposta givoniana, se entendida conforme acima, excluiria do processo os MDs⁹, porque o aumento da informação pragmática que esses itens passam a adquirir estaria contrariando as características do processo. No entanto, adotando a posição de Traugott, julgamos que os MDs, resultantes da mudança categorial verbo > marcador discursivo, podem ser incluídos no rol de itens que passam pelo processo de gramaticalização.

Além da motivação comunicativa/pragmática produzindo a mudança, há forças de natureza cognitiva. Nesse caso, o modelo metonímico-metafórico proposto por Heine, Claudi

⁷ Denominamos *contextos de uso* aquelas porções de texto nas quais se evidencia a atuação de **olha** e **vê** auxiliando na veiculação de diferentes significados semântico-pragmáticos, manifestando graus de (inter)subjetividade dos participantes do diálogo, nos termos de Traugott (1999).

⁸ O *corpus*, caracterizado fundamentalmente por peças de teatro, é constituído por textos a partir do século XIX porque a imprensa em Santa Catarina foi fundada pelo lagunense Brigadeiro Jerônimo Francisco Coelho com o Jornal “O Catharinense” somente em 28/7/1831.

⁹ Traugott (1995) apresenta o desenvolvimento de *indeed*, *in fact* e *besides* que migram de item lexical pleno para MD. Defende que, como MDs, podem ser tratados sob a escopo da gramaticalização.

e Hünemeyer (1991) parece captar adequadamente a atuação dessas forças na representação integrada de (i) uma macroestrutura, associada à transferência metafórica, discreta, de domínios conceituais, e de (ii) uma microestrutura, associada a etapas dispostas em cadeias contínuas, cuja expansão se dá metonimicamente por meio de reinterpretação induzida pelo contexto, por implicatura conversacional.

É bastante pertinente também a associação proposta entre a trajetória de mudança, especialmente a pragmático-semântica, e as funções da linguagem (cf. Halliday e Hasan, 1976). Segundo Traugott, em seus inúmeros trabalhos, itens lexicais podem vir a desenvolver polissemias pragmáticas (por inferências sugeridas no contexto) e semânticas, com consequentes reanálises categoriais, nos domínios interpessoal (com componentes orientado para o F – subjetivo, e orientado para o O – intersubjetivo) e textual (com elementos de conexão local, mais sintática, e também com elementos “procedurais”, de natureza discursiva, como por exemplo os MDs). Interessa, pois, não só o caráter contextual da situação interlocutiva, mas principalmente a presença de expressões linguísticas que indexam a subjetividade e a intersubjetividade, e a descoberta de como eles emergem.

2.2 Abordagem integrada da Teoria da Variação e Mudança e do Funcionalismo Linguístico

Atualmente, nota-se uma tendência de estudos variacionistas tomarem como objeto variável não só fenômenos morfossintáticos, mas também semântico-discursivos, bem como se visualiza a possibilidade de aproximação teórica, que combina a perspectiva funcionalista, voltada para o estudo do processo de gramaticalização, com pressupostos da sociolinguística variacionista¹⁰. A combinação dessas abordagens mostra-se viável e frutífera, porém não significa que seja isenta de problemas. É o que veremos a seguir, sinteticamente, com base em Tavares (1999, 2003), Görski (2006), Görski e Tavares (a ser publicado).

Conforme as autoras, embora a Teoria da Variação e Mudança e o Funcionalismo Linguístico, voltado à gramaticalização, mostrem-se divergentes seu ponto focal¹¹, não se vislumbra impedimento para se integrar ambas abordagens na investigação dos fenômenos linguísticos, uma vez que

[...] (i) o objeto de estudo é a língua em uso, cuja natureza heterogênea abriga a variação e a mudança; e (ii) é atribuída grande importância ao tratamento empírico com quantificação estatística, especialmente em relação à frequência de uso, como evidência para atestar fenômenos de variação e mudança (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972; GIVÓN, 1995; BYBEE; HOPPER, 2001; BYBEE, 2003 *apud* GÖRSKI, 2006, p.2).

Nessa interface, o uso dos falantes determina as funções gramaticais. O enfoque está nas relações entre funções e formas, decorrentes de pressões linguísticas e sociais, com destaque para a história da(s) forma(s) e sua multifuncionalidade, bem como a coexistência de diferentes formas/funções, o que configura situação de estratificação/variação.

Dentre os pressupostos teórico-metodológicos compatíveis entre as perspectivas, destacam-se: (i) prioridade atribuída à língua em uso, que continuamente se move, muda e é mecanismo de interação; (ii) a mudança é contínua e gradual; (iii) diacronia e sincronia são

¹⁰ A aproximação entre a Teoria da Variação e Mudança e o Funcionalismo de vertente norte-americana começou a ser feita, no Brasil, no âmbito do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL/UFRJ, cf. SILVA; SCHERRE (Orgs.), 1996).

¹¹ O objeto de interesse da Teoria da Variação e Mudança é a coexistência de formas que se intercambiam com o mesmo significado em um mesmo contexto, situação de variação que pode vir a ser resolvida pela mudança; e o do Funcionalismo Linguístico, especialmente os estudos acerca da mudança linguística via gramaticalização, ocupa-se prioritariamente do percurso de mudança de uma forma, que pode vir a conviver com outra(s) em um mesmo domínio funcional (GÖRSKI, 2006).

complementares na busca pela trajetória da mudança; (iv) crença no princípio do uniformitarismo; (v) destaque para a frequência de uso; e (vi) vínculo entre fatores linguísticos e sociais.

Em relação à variação/mudança, Hopper (1991, p. 22), ao estabelecer princípios gerais de mudança conferidos às etapas iniciais de gramaticalização, propõe o princípio da estratificação, o que reforça a viabilidade de aproximação entre os objetos de estudo da perspectiva da gramaticalização e da sociolinguística variacionista. À medida que uma forma começa a se fixar como uma das camadas de certo domínio, “a análise somente será completa se também forem levadas em conta as demais formas que competem com a forma mais recente, pois são as inter-relações entre todas as camadas que definem os rumos do domínio como um todo e de cada forma em particular” (GÖRSKI; TAVARES, a ser publicado).

Outro aspecto convergente diz respeito aos rumos possíveis para solucionar a variação ou estratificação. As duas perspectivas deixam evidente que, na ocorrência de situações de variação ou estratificação, estas tendem a ser solucionadas com o passar do tempo, mas ainda assim há de se verificar como se dá o fim da competição. Na perspectiva da gramaticalização, um dos modos de se eliminar a concorrência é, segundo Hopper (1991), a *especialização*, com uma das formas tendo seu uso generalizado. De fato, a *especialização* pode se dar por *generalização* ou por *especificação*: a primeira ocorre quando uma das camadas se sobrepõe às demais; na segunda, as camadas se especializam em determinados contextos e/ou levam vantagem em determinados contextos sociolinguísticos (TAVARES, 1999; GÖRSKI; TAVARES, a ser publicado). Já na perspectiva sociolinguística, a variação pode ser resolvida quando as regras variáveis se tornam categóricas, generalizando-se para o maior número possível de contextos linguísticos e sociais: ou uma forma deixa de ser usada, ou assume um novo significado no contexto.

Entre os pontos de divergência entre as abordagens pode-se citar: na ótica da gramaticalização, a prioridade atribuída à função e o foco nas relações entre funções e formas ao longo do tempo – com ênfase na análise das tendências de uso manifestadas pelos falantes e das motivações discursivas para tais usos; na ótica da sociolinguística variacionista, a primazia dada à estrutura e ao sistema de regras – com ênfase na descrição da estrutura variável da língua e dos fatores de natureza estrutural e social que a condicionam.

Do ponto de vista metodológico, outro aspecto divergente diz respeito ao tratamento dispensado aos condicionadores: na perspectiva funcionalista, importa captar os processos ainda sutis de mudança que se percebem no *continuum* semântico-pragmático e categorial, o que implica um grande número de fatores e a possibilidade de sobreposições entre eles; já na perspectiva variacionista, os fatores condicionantes do uso de uma variante são tratados como discretos, sendo frequentemente amalgamados em busca de um menor número de fatores que possam funcionar como mecanismos explanatórios.

Diante da conciliação teórica proposta e do encaminhamento metodológico apresentado, e considerando também os pontos em desacordo entre as duas abordagens, tenciona-se descrever os contextos de uso do MDs derivados de verbos de percepção visual.

3. Corpus

Trabalhamos com uma amostra diacrônica representada por peças de autores catarinenses dos séculos XIX e XX, que apresentem, na medida do possível, linguagem próxima à fala da época, embora reconheçamos que não se trata de dados abundantes e que alguns aspectos interacionais não serão evidenciados devido às restrições impostas na transferência da modalidade oral para a escrita.

Nossa amostra se constitui de 7 peças teatrais de autores catarinenses¹² do século XIX e 10 do século XX, totalizando 17 textos¹³, distribuídos da seguinte forma:

Séculos	Ano nascimento autor	Autor	Peça teatral	Ano publicação	nº páginas ¹⁴
XIX	1829	CARVALHO, Álvaro Augusto de.	Raimundo	1868	152
	1835	DUTRA, Antero dos Reis.	Brinquedos de cupido (Miscellanea)	1898	33
	1841	COUTINHO, José C. de Lacerda.	A casa para alugar	1867	26
	1853	LIVRAMENTO, Arthur Cavalcanti do.	Os ciúmes do capitão	1880	30
	1855	PIRES, Horácio Nunes.	O idiota	1890	35
	1857	SÃO THIAGO, Joaquim.	A engeitada	1930	36
	1894	JUVENAL, Ildefonso.	A filha do operário	1942	47
XX	1922	BRANDÃO, Arnaldo Silveira.	A taverna do gato branco	1954	37
	1939	AMORIM, Mauro Júlio.	O dia do javali	1983	94
	1943	BORELLI, Romário José.	O contestado	1972	127
	1944	SOUSA, Augusto Nilton de.	Stradivarius	1993	64
	?	SILVA JÚNIOR, José Darci.	Em tua homenagem ou não	1984	20
	1950	ROSA, Ademir.	Os lobos	1992	31
	1959	NASCIMENTO, Iberê do.	Metacor	1983	24
	1961	CUNHA, Antonio.	As quatro estações	1998	41
	1962	BRÜGGEMANN, Fábio.	Prenome: Fausto	1993	29
	1963	PAULA, Néri Gonçalves de.	Uma longa história de amor	1999	24

Fig. 1 – Distribuição das peças teatrais, segundo o ano de publicação e o de nascimento dos autores.

Fonte: Rost Snichelotto (2009, p. 221).

4. Contextos de uso dos MDs *olha* e *vê* nos séculos XIX e XX

Nesta seção, vamos dirigir nossa atenção à descrição dos *contextos* de uso dos MDs *olha* e *vê*. Antes, porém, ressalta-se que, no rastreamento dos dados diacrônicos, localizamos raras ocorrências dos itens em contextos ambíguos, cujo uso pode ser interpretado tanto como verbo pleno em P2 no imperativo ou como MD. Observemos um exemplo:

- (5) Menino 01: Ainda bem que só falta mais um . (Escreve) Acabei !
Menino 02 : Eu também !...
Menino 01: Sabe que esse negócio de escrever com duas canetas rende mesmo.
Olha, se não fosse isso, nós ficávamos aqui até de noite!

¹² A maior parte dos textos foi cedida pela Prof^a Izete Lehmkuhl Coelho (UFSC), coordenadora do projeto em andamento “Banco de dados diacrônicos de Santa Catarina”, vinculado ao Projeto VARSUL na UFSC. Colaboram na coleta das peças de teatro, doutorandos, à época (Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott e Marco Antônio Martins) do Programa de Pós-Graduação em Linguística e graduandos do curso de Letras da UFSC. A maioria das peças coletadas para o projeto foi gentilmente cedida pela Prof^a Vera Collaço (UDESC), pela Prof^a. Zilma Nunes (UFSC) e pelo escritor e diretor de teatro Antonio Cunha. Também realizamos levantamento de alguns textos na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina e na Biblioteca Universitária da UDESC.

¹³ Controlamos, além da data/do século de publicação das peças, o ano de nascimento dos autores catarinenses investigados. É importante alertar que o “Banco de dados diacrônicos de Santa Catarina” ainda não dispõe de peças de teatro de autores catarinenses representativas de cada uma das décadas dos séculos XIX e XX. Portanto, para representatividade do século e do autor, embora o Banco disponha de mais peças do mesmo autor, localizamos apenas 17 textos de 17 autores catarinenses diferentes. Nossa intenção aqui é tomar um texto de cada autor para mostrar os contextos de uso dos MDs e se algum uso está mais centrado em um ou outro autor.

¹⁴ Como algumas peças de teatro apresentam número de páginas mais extenso, para que houvesse certo equilíbrio entre os textos, procedemos à captação do fenômeno numa extensão entre 20 a 40 páginas.

Menino 02: E agora... A gente faz o quê ? Esperamos aqui – ou levamos lá ? ...
 (Uma longa história de amor, Neri Gonçalves de Paula, 1999, p. 156).

No exemplo (5), o F parece usar **olha** (verbo pleno no imperativo) tendo como complemento um objeto direto (*Olha as duas canetas*), que, no caso, solicita ao O que “preste atenção em X que ele pode ver com seus olhos”. Adicionalmente, **olha** parece também revestir-se de sentido mais abstrato e revelar certa surpresa com relação ao relatado/exposto, o que caracterizamos, conforme se verá adiante, como *contexto interjetivo*. Contextos de ambiguidade e/ou sobreposição de funções são previstos e esperados nos processos de mudança.

A Figura 2 exibe a distribuição dos MDs derivados de P2 nos diferentes contextos de uso em que eles aparecem nas peças teatrais examinadas.

Séc.	Peça teatral	Contextos de uso dos MDs								
		De advertência	Adversativo	De advertência > interjetivo	De atenuação	De atenuação ^ Interjetivo	Interjetivo	Exemplificativo	Opinião	Causal
XIX	Raimundo	2	1		1		1			
	Brinquedos de cupido						1			
	A casa para alugar	5		1						
	Os ciúmes do capitão	4								
	O idiota	<i>1</i>				1		1		
	A enfeitada	3			1		1			
	A filha do operário	3					1			1
	Total parcial	17	1	1	2	1	4	1	-	1
XX	A taverna do gato branco						1			
	O dia do javali	5			1					
	O contestado	3								
	Stradivarius	1			1		1			
	Em tua homenagem ou não						- 2			
	Os lobos	4								- 2
	Metacor				1					
	As quatro estações	1								
	Prenome: Fausto						- 2		1	
Uma longa história de amor	2		1							
	Total parcial	16	-	1	3	-	2	4	-	1
	Total geral	33	1	2	5	1	6	4	1	2

Fig. 2 – Distribuição dos MDs *olha* e *vê* por peça, segundo o *contexto de uso*¹⁵.
 Fonte: adaptado de Rost Snichelotto (2009, p. 245).

A ordenação dos contextos discursivos, da esquerda para a direita na parte superior da tabela, sugere um suposto *continuum* entre os diferentes usos. Nossa suposição é que – a partir de um contexto inerentemente interacional de ato de fala imperativo mediante uso dos verbos plenos *olhar* e *ver* dirigidos deonticamente ao interlocutor, uso que consideramos mais concreto –, os itens vão incorporando traços de subjetividade advindos do envolvimento maior do F que expressa suas atitudes avaliativas seja em relação ao comportamento do interlocutor, ao seu próprio comportamento, seja em relação a situações relatadas ou a

¹⁵ Os números à direita, em itálico, nas colunas dos contextos discursivos *de advertência*, *interjetivo*, *causal* e *de opinião* correspondem a 8 ocorrências do MD *vê*.

determinadas porções textuais. A modalidade envolvida vai se deslocando do submodo deôntico, com enfraquecimento do ato de fala manipulativo, para o epistêmico, centrado nas crenças e opiniões do F (suas sugestões, advertências, atenuações, etc). Nos termos de Traugott, vai acontecendo a subjetivização crescente nos usos, via polissemia pragmática (essa expansão provavelmente não ocorre numa linearidade cronológica fixa, mas os usos podem se expandir em mais de uma direção num mesmo momento). Nesse sentido, ainda numa função interacional, os MDs vão deslocando o foco do O para o F. Nesse processo de subjetivização, os itens acabam adquirindo também certos traços de natureza textual, como a ocorrência em posições relacionais. Assim, as funções interpessoal e textual podem acabar se entrecruzando. É o que ocorre nos contextos *exemplificativo, de opinião e causal*, nos termos em que os caracterizamos, conforme a seguir.

Observando a Figura 2, notamos que 33 – em 58 dados (cerca de 60%) – caracterizam-se como *contexto de advertência*, situação predominante nos dois séculos. Os demais dados se pulverizam com poucas manifestações em diferentes contextos. A primeira ocorrência que localizamos do MD **olha** na amostra dá-se justamente nesse contexto, na peça *A casa para alugar*, de José C. de Lacerda Coutinho, nascido em 1841, a primeira a ser publicada, em 1867. Essa ocorrência nos faz projetar a hipótese de que este MD já devia estar em uso nesse contexto no século anterior, ou mesmo antes. Também o MD **vê** foi localizado em *contexto de advertência*, mas houve apenas um dado em uma peça do final do século XIX, em 1890. Vejamos os exemplos em que **olha** e **vê** atuam em *contexto de advertência*:

- (6) JULIETA – E se ele nunca mudar de opinião?
PAULO – Há de mudar... há de mudar de opinião...
JULIETA – **Olha**, Paulo; queres saber o que eu faria em teu lugar?
PAULO – Vejamos...
JULIETA – Apresentar-lhe-ia simplesmente a mulher, que julguei digna de meu amor e do meu nome... (*A casa para alugar*, José C. de Lacerda Coutinho, 1867, p. 55).
- (7) ELVIRA – (*Descendo pela esquerda.*) Perfeitamente. Mas previna-o de que não saio hoje de casa. Quero rir-me à custa desse tolo e fazê-lo andar aqui numa roda viva.
MACÁRIO – (*Fechando a carta.*) **Vê lá**... o rapaz é rico e não é para desprezar...
ELVIRA – Deixe-o por minha conta. Esperarei ocasião oportuna para aparecer-lhe. O papai não se admire do que fizer!
MACÁRIO – (*Endereçando a carta.*) Toma cuidado, menina... Às vezes a gente pensa uma coisa e ela é outra... Não vá o chumbo virar por cima da cortiça... (*O idiota*, Horácio Nunes Pires, 1890, p. 222).

Pons Bordería (1998), Rost (2002), Waltereit (2002) e Domínguez Portela (2008) caracterizam esse tipo de contexto como uma espécie de alerta, conselho ou aviso direcionado ao interlocutor. A nosso ver, essas ocorrências de **olha** e **vê** constituem o início da trajetória de mudança semântico-pragmática dos itens, visto que o ato de fala manipulativo começa a se enfraquecer, embora indexando claramente o O. Nas ocorrências acima, ao usar os MDs **olha** e **vê** no início de sua fala, os personagens/falantes pretendem explicitamente direcionar a advertência para o interlocutor em função de suas ações realizadas ou pretendidas. Nesse sentido, mesmo em se tratando de contexto de diálogo entre personagens da peça teatral, conseguimos detectar que os itens assinalam maior grau de orientação da interação (cf. SILVA, 1999; RISSO; SILVA; URBANO, 2006), isto é, ocorrem com orientação mais nítida por parte do F em direção ao O, o que atesta a proeminência da função interpessoal (basicamente orientado para o O). Também podemos observar não só a intersubjetividade

inerente do contexto de P2 (ato de fala manipulativo), mas também certa manifestação avaliativa do personagem/falante (subjetividade) (cf. TRAUGOTT; DASHER, 2002; TRAUGOTT, a ser publicado). É exemplo dessa avaliação subjetiva do F a sequência de turnos de (7), na qual o personagem *Macário* ratifica a caracterização desse contexto com o uso de outra advertência à interlocutora: “*Toma cuidado, menina...*”.

No conjunto de peças do século XX, embora não tenhamos localizado dados de **vê**, **olha** também aparece em *contextos de advertência*. É o que se verifica a seguir:

(8) 1 - (insurgindo-se) Tas falando sério mesmo? Agora sou eu que não acredito. Isso não tem cabimento. Disem (sic) que tu faz teatro a (sic) tanto tempo e ainda sai com uma dessa, francamente... **olha** aqui seu paspalho, quem tem que dar a receita é o médico, o farmacêutico, o dentista, ao teatro está reservado o compromisso do testamento de muitas andanças. Da nossa, da minha pelo menos. O teatro cumpre a função de espantar o fantasma da mediocridade da vida (pausa). Confesso que faltou uma sacanagem/ uma cena mais ousada [...] (*Os lobos*, Ademir Rosa, 1992).

Novamente, **olha**, em contexto revestido de valor semântico-pragmático de advertência, marca a orientação da interação, claramente indexando a atenção de O à fala do personagem/falante, como em (8) “**olha** aqui seu paspalho”. Nesse contexto, **olha** aponta um processo metonímico no qual traços do *contexto de advertência* parecem ser assimilados pelos itens.

Na sequência do trajeto que projetamos como de expansão semântico-pragmática dos MDs, encontramos, na amostra de peças teatrais do século XIX, apenas um dado do MD **olha** em *contexto adversativo* e nenhum nas peças teatrais do século XX. Também não foram localizadas ocorrências de **vê** nesse tipo de contexto em nenhum dos séculos investigados. Vejamos a única ocorrência identificada na obra de Álvaro A. de Carvalho:

(9) JOÃO ANDRÉ – E tu gostas dela?
RAIMUNDO – Eu?... amo-a, amo-a como louco! Tu nunca amaste, André, e por isso não podes avaliar o que se passa em mim.
JOÃO ANDRÉ – Alto lá! menas (sic) essa! Eu cá já tive amores; **olha**; andei maluco pela Zeferina, que vendia fruta no Rocio, em Lisboa; era uma mulher do tamanho do mastro da gata... (*Raimundo*, Álvaro A. de Carvalho, 1868, p. 38).

Como descrito por Waltereit (2002), nesse tipo de contexto, F expressa um pensamento que contrasta com o manifesto por O, ou seja, O infere algo a partir da declaração de F e produz, na sequência, uma afirmação. Ao retomar o turno, F expõe uma resposta contrária à expectativa de O. Trata-se de um contexto em que certa declaração opõe os parceiros conversacionais. Assim, em (9), em termos semântico-pragmáticos, constatamos claramente um contraste no diálogo entre os personagens *João André* e *Raimundo*. Concomitantemente, **olha** ocorre como elemento que mantém forte grau de orientação da interação de F (no caso, o personagem *João André*) em direção a O (*Raimundo*) (cf. SILVA, 1999; RISSO; SILVA; URBANO, 2006), o que continua a atestar a evidência da função interpessoal. Nesse contexto, o MD é um item que marca não só a intersubjetividade do contexto de P2 (ato de fala manipulativo, agora mais mitigado), mas também certa manifestação avaliativa do personagem/falante (subjetividade) (cf. TRAUGOTT; DASHER, 2002; TRAUGOTT, a ser publicado) quando este manifesta seu descontentamento frente à declaração de O.

A meio caminho entre os *contextos de advertência e interjetivo*, encontramos duas ocorrências de **olha**, uma em cada século, com sobreposição de significados. Observe-se a seguir:

- (10) PAULO (*forçando para se livrar*) – Largue-me, com mil demônios! Já lhe disse que não fui eu!
O CABO (*segurando-o sempre*) – **Olhe**, assim agrava a situação!...
COMENDADOR (*admirado*) – Paulo! (*A casa para alugar*, José C. de Lacerda Coutinho, 1867).

A nosso ver, o exemplo (10), extraído de uma peça escrita no século XIX, parece se caracterizar tanto por *advertência* como por *interjetivo*. Por um lado, porque **olha** inicia o contexto em que o personagem *Cabo* pode estar advertindo o personagem *Paulo* com relação à sua atitude de tentar se livrar da prisão. Por outro, porque **olha** dá início ao contexto que pode se caracterizar como certa surpresa do *Cabo* frente à declaração de inocência do preso. Esse exemplo que envolve a sobreposição de contextos pode caracterizar a emergência do mecanismo de mudança semântica por metonímia, ou seja, da transferência de significados por contiguidade contextual.

Seguindo nosso mapeamento dos contextos predominantemente interacionais e retomando a análise das peças do século XIX, **olha** e **vê** parecem se expandir polissemicamente em outras situações comunicativas e também sofrer alterações nos graus de orientação da interação ((inter)subjetividade). É o caso das ocorrências do MD **olha** que localizamos em *contextos de atenuação* em peças do século XIX e XX. Por outro lado, não foram encontradas ocorrências do MD **vê** nesses contextos em nenhum dos séculos da amostra. Por essa razão, hipotetizamos que *o contexto de atenuação* pode vir a ser um caso de uso exclusivo do MD **olha**, portanto um contexto de restrição a **vê**. Observe o exemplo a seguir:

- (11) D. MANOEL - Sim, tens razão: o cão que nos lambe a mão também nos tem amizade, e nós o acariciamos; mas nem o cão se eleva a nós, e nem nós baixamos ao cão.
MARIA - tristemente - Meu bom pai, não seja mau! Como pode fazer tal comparação?!
D. MANOEL - **Olha**, Maria, perdoo-te porque és mulher, e... és criança. Lembra-te porém sempre de quem descendes: somos de raça que pode quebrar, mas não dobrar; e fica sabendo que proíbo-te toda e qualquer familiaridade com rendeiros, marinheiros e mercadores. São vilões, que, quando têm algumas patacas, esquecem a origem e miram alto. Sinto-me sufocado no meio desta gente, e permita Deus que o vento mude a ver se me vejo livre desta... (*Raimundo*, Álvaro Augusto de Carvalho, 1868).

Os *contextos de atenuação* foram igualmente identificados em dados de pesquisas de diferentes amostras sincrônicas, como Castilho (1989), Silva e Macedo (1989), Rost (2002) e Domínguez Portela (2008). Nesse exemplo, o MD parece amenizar e controlar, por antecipação, possíveis reações negativas do O a respeito do que será expresso, ou seja, F se descompromete com uma afirmação que poderia vir a ser inferida negativamente por O. No diálogo entre pai e filha, conforme exemplo (11), o pai faz uma declaração que estampa na filha um descontentamento. A fim de atenuar sua declaração, o pai, ao retomar o turno, inicia-o com o MD **olha**. Nesse contexto, o MD ainda assinala forte orientação por parte de F em direção ao O (cf. SILVA, 1999; RISSO; SILVA; URBANO, 2006; TRAUGOTT; DASHER, 2002; TRAUGOTT, a ser publicado). Além disso, **olha** também marca a manifestação da avaliação subjetiva do F na medida em que imprime certo abrandamento quanto à declaração anteriormente expressa. Nesse sentido, em termos direcionais, verifica-se o destaque da função interpessoal com forte componente de subjetividade.

Nas peças de teatro do século XX também foi possível identificar o MD **olha** em *contexto de atenuação*. Vejamos um exemplo na peça *O dia do javali*:

(12) VITOR – Era só que me faltava! Bem, eu não duvido de mais nada. Depois que até o velho e misterioso charme da morte foi substituído por uma repartição cheia de siglas, e com falhas de todas as repartições, eu realmente não duvido de mais nada. Eu só continuo achando, cada vez mais, que devia ter escrito sobre isso. Devia ter pelo menos tentado.

HOMEM – **Olhe**, para seu franco, eu acho que não seria um assunto interessante. Eu acho que a morte já virou a mais comum das rotinas (*O dia do javali*, Mauro Júlio Amorim, 1983, p. 28).

Numa situação intermediária entre os *contextos de atenuação e interjetivo*, encontramos um dado do MD **olha** nas peças do século XIX:

(13) ELVIRA – O tolo do Zé Pato, e digo em boa fé, será bicho do mato, mas home é que não é!

MACÁRIO – **Mas olha**, rapariga, e presta-me atenção, embora seja espiga, o Pato é um partidão! [...] O rapaz é bonito, delicado e tem dinheiro. Tem o sestro de fugir das mulheres, mas tu tens a faca e o queijo na mão para curá-lo em meia dúzia de lições ...(Sentando-se à esquerda da mesa.) Vou responder... (*O idiota*, Horácio Nunes Pires, 1890, p. 221).

Os MDs **olha** e **vê** ocorreram de modo um pouco mais recorrente (6 dados de **olha**, distribuídos ao longo dos dois séculos, e 4 de **vê**, concentrados no final do século XX) em *contexto interjetivo* da amostra. Observemos alguns exemplos:

(14) Petronilha (á parte). – Mão! Já meo pai principia no choro!..
Silvério. – A isso é que se chama deixar correr o pranto, meo amigo. **Olhe**, que deve ter chorado muito! (*Os ciúmes do capitão*, Arthur Cavalcanti do Livramento, 1880, p. 48).

(15) MEFISTO – Por favor, vou ficar com pena de você e não teremos drama. Não percebeu ainda que não há solução para isto? Não podemos pensar em nada mais amplo, mais coletivo. Meu problema é eu com você, nada mais.

FAUSTO – só quero entender. Mas também não quero, **veja só!** Isso tudo é muito antigo. Se eu quero entender, volto ao velho Faustos e vou vender minha alma. Se eu não quero saber nada, porque estou no tempo certo da história, não há drama. Devolva os ingressos e as pessoas voltam para suas casas sem muito o que pensar. Se bem que já estão acostumadas. Ah, eu tô confuso! (*Prenome: Fausto*, Fábio Brüggemann, 1993, p.56).

Trata-se de contexto também identificado em amostras sincrônicas diversas (ROST, 2002; WALTEREIT, 2002; DOMÍNGUEZ PORTELA, 2008). F, ao relatar ou expor algo, emprega **olha** ou **vê** para introduzir um trecho que revela surpresa ou decepção com relação ao relatado/exposto. É o que é dito no contexto e a entonação de F que podem produzir uma inferência para O. Nos exemplos (14) e (15), em termos direcionais, verifica-se ainda a forte presença da função interpessoal e a orientação por parte do F em direção ao O (cf. SILVA, 1999; RISSO; SILVA; URBANO, 2006; TRAUOGOTT; DASHER, 2002; TRAUOGOTT, a ser publicado). No entanto, a depender da entonação de F, O infere outra informação – positiva ou negativa – que manifesta a avaliação de F sobre o que é dito (subjatividade) (cf. TRAUOGOTT; DASHER, 2002; TRAUOGOTT, a ser publicado).

Nos contextos seguintes, a função textual começa timidamente a despontar, compartilhando terreno com a interpessoal. Curiosamente, nas peças investigadas, identificamos a ocorrência de apenas um dado de três contextos que consideramos com valor mais subjetivo e com traços de relacional/textual. Em dois desses contextos ocorre o MD **olha** e em um, o MD **vê**. Vejamos a caracterização e o exemplo de cada um desses contextos.

Na peça *O idiota*, o MD **olha** parece ocorrer em *contexto exemplificativo*. Observe a ocorrência de **olha** abaixo:

- (16) ELVIRA – (Sentando-se no sofá.) Ter medo de mulheres... Este homem é...
MACÁRIO – (*Descendo*.) É rico, menina, é rico... Lembra-te disto.
ELVIRA – Mas é estúpido!
MACÁRIO – Menina, quem tem dinheiro nunca é estúpido, nem ignorante, nem feio e nem idiota. Olha o Ambrósio. Pensas tu que se o Ambrósio tivesse um par de contos de réis, haviam de chamá-lo maluco, como o chamam agora? Estás enganada. Todos o considerariam como o homem de mais juízo deste mundo e classificariam de filosofia a sua maluquice! (*Indo à esquerda alta*.) Ambrósio! Oh! Ambrósio!
AMBRÓSIO – (*Dentro*.) Já vou, patrão.
MACÁRIO – (*Descendo*.) **Olha** conheci um barão tapado como uma porta. O animal, - animal é o termo, - não abria a boca que não dissesse um chorrilho de asneiras... mas era podre de rico... (*Indo à esquerda alta*.) Oh! Ambrósio! Ambrósio!
AMBRÓSIO – (*Dentro*.) Já vou, patrão! (*O idiota*, Horácio Nunes Pires, 1890, p. 223).

Esse tipo de contexto também foi identificado nas pesquisas sincrônicas de Rost (2002), Dostie (2004) e Dominguez e Álvarez (2005). Trata-se de contexto em que o F emprega **olha**, antes de apresentar uma sequência que visa reforçar com exemplos o que está sendo dito. Consideramos que, no contexto exemplificativo, o grau de orientação do F em direção ao O começa a se tornar mais frágil. No exemplo (16), o personagem Macário usa o MD **olha** no início de um trecho em que ele pretende dar um exemplo de pessoa “tapada como uma porta”. Nesse caso, o componente intersubjetivo começa a diminuir e o componente subjetivo vai ganhando mais proeminência espraiando-se no texto, tendo em vista que o item visa a auxiliar na organização do texto de F. Dessa feita, a função interpessoal (que indexa a atenção de O) e a textual (que auxilia na organização do texto de F) começam a se entrecruzar. Ressalte-se que ainda é bastante sutil a marca da função textual e que estamos lidando com noções gradientes.

Somente na amostra de peças relativas ao século XX é que temos ocorrência de um dado do MD *veja só* em *contexto de opinião*. Trata-se de contexto em que o personagem *Fausto* faz uma avaliação e emite sua opinião sobre outro personagem da narrativa (*O Idiota*). O exemplo (17) ilustra este contexto:

- (17) IDIOTA
Não pense tanto assim, eu me atrapalho. Como pode pensar tanto, ter tantas dúvidas?
FAUSTO
Talvez porque eu não me chame Idiota. Infelizmente me chamo, não sei por quanto tempo neste drama, Fausto. Sabe o que significa Fausto, Idiota? Quer dizer, **veja só**, Idiota, feliz. No fundo, ser feliz e ser idiota dá quase no mesmo (*Prenome*: Fausto, Fábio Brüggemann, 1993, p. 61).

Consideramos que o dado (17) envolve a atuação das funções interacional e textual: a primeira, porque o personagem Fausto ainda indexa a atenção do O para si (intersubjetividade

inerente); a segunda, porque o MD se localiza em posição relacional marcando a crença/opinião do F (subjetividade).

Na sequência de nosso *continuum* de uso dos MDs rumo a funções mais textuais, temos ocorrência de um dado do MD *mas olha* em *contexto causal* na peça *A filha do operário* do século XIX. É o que se verifica em (18):

(18) FELIPE – Afinal, que novidades trouxeram vocês? Como correram as manifestações desta manhã? O pessoal levou a efeito o comício na Praça do Municipal?

ROQUE – Como não?! Foi um sucesso! **Mas olha**: acabou em pau... A polícia entrevistou e choveu chanfalho e pata de cavalos...

FELIPE – A polícia garantiu que manteria a ordem!...

QUINCAS – Garantiu, mas, foi nas nossas costas... (*A filha do operário*, Ildelfonso Juvenal, 1942, p. 51).

Trata-se de contexto já identificado em amostras sincrônicas (ROST, 2002; MARÍN JORDÁ, 2003; DOSTIE, 2004; DOMINGUEZ; ÁLVAREZ, 2005; DOMÍNGUEZ PORTELA, 2008). Constitui a sinalização de uma espécie de conexão entre dois segmentos um dos quais encerra a causa¹⁶ que acarreta a consequência/efeito, explicação ou conclusão contida no outro. Nesse trecho, o personagem Felipe questiona Roque sobre as manifestações na Praça Municipal e, como resposta, este manifesta duas informações para aquele: (i) a primeira se refere ao sucesso do feito; a outra, reporta à explicação de que o resultado, por outro lado, tenha sido negativo e a polícia, por sua vez, teve de intervir. O personagem Roque introduz sua explicação com o auxílio do MD em “[...] *mas olha* acabou em pau”. Como se percebe, o MD coocorre com o conector *mas*. Note-se que o fato de *mas* ser tipicamente adversativo não obscurece a relação de causalidade, porque introduz a explicação solicitada, o que parece reforçar o valor relacional do MD, isto é, o componente subjetivo se torna fortemente atuante, no sentido que o F procura organizar seu próprio texto, e o intersubjetivo vai perdendo espaço.

Também no dado a seguir, extraído de peça do século XX, interpretamos que o MD *veja bem* se insere em *contexto de causalidade*, uma vez que o personagem apresenta uma série de explicações sobre a arte de representar.

(19) 1 - Você não tem netos meu filho, mas **veja bem**. Quantos papéis nós dois “vivemos” aqui neste meio tempo, isso sem ter que ficar fazendo laboratório... senão seria mais um “grito parado no ar” (dá o grito emotivo). Agora o difícil pra mim mesmo, é quando estas luzes se apagam e tudo volta a ficar igual, tudo volta a mesmice. O prazer da vida de um artista de teatro é representar a doce alegria alienante de um papel, seja ele um professor, carteiro/militar, um padre, enfim, qualquer outro ser humano comum (cúmplice). Fica complicado quando a gente precisa ser nós mesmos (*Os lobos*, Ademir Rosa, 1992).

5. Considerações Finais

Neste artigo, objetivamos descrever os contextos de uso dos MDs **olha** e **vê** (e suas variações) em uma amostra diacrônica composta por peças teatrais de autores catarinenses dos séculos XIX e XX. Constatamos que, ao longo do processo de mudança semântico-pragmática dos itens, há manutenção da herança de traços verbais (que se reflete no componente inerentemente intersubjetivo) bem como incremento de um significado vinculado

¹⁶ Com base em Paiva (1991, p. 08), empregamos o termo *causa* em sentido amplo, recobrando outros significados como razão, explicação, justificativa.

à atitude do F a respeito do que é dito (que reflete o componente subjetivo) e tímida atuação no âmbito textual.

Assumimos que a (inter)subjetivização deve ser vista, ao lado da metonímia e da metáfora, como um mecanismo de mudança. Postulamos, também, que os MDs sob análise podem ser tratados na perspectiva da gramaticalização, tanto no que se refere à mudança semântico-pragmática, como à mudança categorial. Defendemos que enunciados imperativos, inerentemente intersubjetivos, podem vir a ser subjetivizados no curso da mudança de significados de conteúdo, baseados na estrutura argumental, para significados procedurais pragmáticos no nível discursivo.

Referências

- CASTILHO, Ataliba T. de. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: _____. (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989. p. 249-279.
- DOMÍNGUEZ, Carmen L.; ÁLVAREZ, Alexandra. Marcadores en interacción: un estudio de marcadores en el español hablado en Mérida (Venezuela). *Revista Virtual de Estudios de Linguagem*, v. 3, n. 4, março de 2005. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/4/artigos/revel_4_marcadores_en_interaccion.pdf>. Acesso em: 15 set. 2008.
- DOMÍNGUEZ PORTELA, Soraya. *Olla e mira*, dous marcadores discursivos en tres linguas: portugués, galego e español. 2008. [não publicado]
- DOSTIE, Gaetane. Deux marqueurs discursifs issus de verbes de perception: de *écouter/regarder* à *écoute/regarde*. *Cahiers de lexicologie* 73, 1998. p. 85–106.
- FRASER, Bruce. What are discourse markers? *Journal of Pragmatics*, v.31, 1999, p.931-952.
- GÖRSKI, Edair; ROST, Cláudia A.; DAL MAGO, Diane. Aspectos pragmáticos da mudança via gramaticalização. In: CRISTIANO, M. E. A.; SILVA, C. R.; DA HORA, D. *Funcionalismo e Gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Idéia, 2004.
- GÖRSKI, Edair M. A questão do *continuum* na interface variação/gramaticalização. In: 7º Encontro do Celsul. Palotti: Pelotas, 2006.
- _____.; TAVARES, Maria Alice. *Teoria da variação/mudança e funcionalismo lingüístico: (in)compatibilidades?* [no prelo].
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *From cognition to grammar – evidences from African languages*. In: TRAUGOTT, Elizabeth; HEINE, Bernd. (Eds.), 1991a. v. 2.
- HOPPER, Paul. *On some principles in the grammaticalization*. In: TRAUGOTT, Elizabeth; HEINE, Bernd. (Eds.), 1991.
- MARÍN JORDÀ, Maria Josep. *Discurs i gramaticalització: verbs de percepció usats com a marcadors discursius en el debat electoral*. 2003. 686 f. Tese (Doutorado em Filologia) – Departament de Filologia Catalana, Universitat de València, València, 2003.
- MARTELOTTA, Mário. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário (Orgs.). *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004.
- PONS BORDERÍA, Salvador. Oye y mira o los límites de la conexión. In: ZORRAQUINO, Maria Antonia Martin *et al.* (Eds.). *Los marcadores del discurso: teoría y análisis*. Madrid: Arco Libros, 1998. p.213–228.
- RISSO, Mercedes S.; SILVA, Giselle M. O.; URBANO, Hudinilson. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura Bom, Bem, Olha, Ah, no português culto

- falado. In: NEVES, Maria Helena de M. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999. Vol. VII.
- _____. Marcadores discursivos basicamente seqüenciadores. In: JUBRAN, Clélia C. A. S.; KOCH, Ingedore G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. V. 1 (Construção do texto falado), p. 427-496.
- ROST, Cláudia A. *Olha e veja: multifuncionalidade e variação*. 2002. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- ROST SNICHELOTTO, Cláudia Andrea. 2009. 411f. *Olha e vê: caminhos que se entrecruzam*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2009.
- SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- SILVA, Giselle M. O. Anatomia e fisiologia dos marcadores não-prototípicos. In: NEVES, Maria H. de. (Org.). *Gramática do português falado*. Vol. VII: Novos Estudos, São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. p.297-347.
- _____.; MACEDO, Alzira. Análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, Alzira; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria C. (Orgs.). *Revista Tempo Brasileiro*, 1989. p. 11-49.
- TAVARES, Maria Alice. *Um estudo variacionista de AÍ, DAÍ, ENTÃO e E como conectores seqüenciadores retroativo-propulsores*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 1999.
- _____. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2003.
- TRAUGOTT, Elizabeth C. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Manchester: Stanford University, 1995. p. 1-29.
- _____. HEINE, Bernd. (Eds.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. v. 1 e 2.
- _____. From etymology to historical pragmatics. In: MINKOVA, Donka; STOCKWELL, Robert (Eds.). *Studying the History of the English Language: Millennial perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002. p. 19-49.
- _____.; DASHER, Richard B. The development of modal verbs. In: E.C.TRAUGOTT; B. HEINE, B. (Eds.). *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge U.P., 2005, p. 105-151.
- _____. Legitimate counterexamples to unidirectionality. In: *FREIBURG UNIVERSITY*, 17 out. 2001. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/~traugott/ect-papersonline.html>>. Acesso em: 15 maio 2006.
- URBANO, Hudinilson. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, Maria Helena de M. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999. Vol. VII. 1999.
- WALTEREIT, Richard. Imperatives, interruption in conversation, and the rise of discourse markers: a study of Italian guarda. *Linguistics* 40–5, 2002. p. 987–1010.